

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, 5 DE AGOSTO DE 1919

N.º 75

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADIANTADO

ANO... .. 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE... .. \$70 ANO..... 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

PORTO DE LISBOA

O SEU POLICIAMENTO

Por um decreto recentemente publicado, acaba de ser instituída a policia marítima, cuja acção é, simplesmente, sanear o Tejo das quadrilhas de gatunos que d'esse nosso formoso rio vinham fazendo o seu campo de manobras com uma ousadia tal que, por vezes, parecia atingir os limites da fantazia.

Não podemos deixar de aplaudir essa medida e de louvar o ministro que a pôz em pratica.

Era uma providencia que se impunha immediata e urgentemente, para que os nossos creditos de nação civilisada não liquidassem tristemente com apódos que tornariam mais humilhante ainda o isolamento a que seriamos votados por todo o mundo.

E', porem, para lastimar que essa medida tenha sido posta em pratica só depois de succederem, por vergonha nossa, os mais canibalescos casos que, a repetirem-se, afugentariam do porto de Lisboa, e até mesmo dos portos do continente portuguez, não simplesmente a navegação de turismo, mas toda a que nos liga á convivencia mundial. Porque, as tropas de bandoleiros que, durante algum tempo, campearam, livre e impunemente, sobre o Tejo, não se limitavam a assaltar as fragatas para roubar o seu carregamento; assaltavam, tambem, os caes d'onde, a coberto da sua audacia, da convivencia e da sua força, tiravam o que lhes convinha, roubavam o que podiam e saqueavam, inclusivamente, os armazens que servem de depositos marítimos. Mas o pior, ainda, de tudo é que essa gente, não satisfeita com a *licença* que usufruia por forma absolutamente incomprehensível, pre-

parava-se já para levar mais longe a pratica das suas criminosas intenções, dispondo-se a tomar, tambem, de assalto os vapores de passageiros que viessem ancorar no porto de Lisboa; tendo chegado a fazer a experiencia n'um transatlantico que pernitoiu no nosso rio.

Foi preciso que a «Revista de Turismo» se insurgisse e se revoltasse contra o desleixo governativo que tolerava semelhante coisa, para ser decretado o estabelecimento da policia marítima.

Cabe-nos, pois, a satisfação de termos obrigado o Governo a cumprir o seu dever e a agir por maneira eficaz; restando-nos, comtudo, aguardar que essa sua salutar medida não se desvaneca com o andar dos tempos; pois que á primeira manifestação de cansaço ou de abandono do serviço que a policia marítima venha, porventura, a manifestar, os astuciosos gatunos, que certamente não se regeneram e que apenas esperam occasião, voltarão a exercer a sua industria que, sendo muito arriscada, é, todavia, de proveitosos resultados.

E como essa especie de gente não manifesta sentimento algum que se anteponha aos interesses seja do que fôr, justo é que sobre ela caia um impiedoso castigo, que se deve repetir, severa e rigorosamente, tantas vezes quantas voltar a prevaricar.

Uma vez que estamos tratando do assumpto, — sobre o qual não desejaremos voltar para não avivar recordações de males passados e que muito funestos iam sendo para o nosso paiz — queremos ainda avisar o Governo

e as entidades ás quaes incumbe a segurança das pessoas e das coisas, que é necessario pôr, igualmente, em pratica o complemento da medida que acaba de ser decretada. Esse complemento traduz-se simplesmente no saneamento dos elementos nocivos que estão impestando a nossa cidade, entre os quaes se contam os receptadores dos roubos praticados no mar e em terra; pois não só aqueles descreditam o nosso paiz, mas tambem os que se praticam em terra, á chegada e partida dos passageiros terrestres e marítimos; são, por igual, prejudicialissimos aos interesses do nosso paiz. E não é só em Lisboa, que a ladroeira se bandeia sem o mais leve reбуço nem o menor incomodo; tambem no Porto, se registam diariamente os mais astuciosos roubos, a que se torna necessario pôr um termo.

E' preciso notar que o paiz onde o roubo se constitue em industria, tolerada por assim dizer pelas autoridades como infelizmente tem succedido em Portugal, está naturalmente sentenciado a desaparecer do convívio das nações civilisadas.

Portanto, para que não caia sobre nós a excomunhão mundial, preciso é que energicamente façamos por não a merecer.

Aqui fica o aviso. Não é já ao Governo para que temos de apelar n'um possível caso de reincidencia. A auctoridade suprema já fez o que lhe competia. Cabe agora portanto á Repartição de Turismo e á Sociedade Propaganda de Portugal velarem pelo exacto cumprimento das leis que felizmente ainda nos regem, entre as quaes se encontra a que pune severamente os ladrões e os bandoleiros.

Assim o esperamos d'essas entidades que teem sobre si a enorme responsabilidade da defeza dos interesses do Turismo em Portugal.



UNS DIAS NA PROVINCIA

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Perto das onze da noite chegámos à Vila Real. Vinhamos esfoimados. Almoçamos em Chaves, muito cedo, em seguida ao que, com vagares de turista interessado, percorreramos a típica região barrozã, que se estende entre aquela vila e Montalegre. Tinha sido um dia cheio. Nada nos escapára, e de toda aquela parte da provincia transmontana ficavamos tendo uma impressão nitida e segura.

Quando, mortos de fadiga e de fome, nos apeámos á porta do Hotel, de que o meu amigo L. P. M., em Lisboa, me dizia maravilhas, um rapaz novo, de olhos redondos, que depois sube ser uma autoridade local, acercou-se do nosso automovel e pediu ao meu companheiro V. R., que ia ao volante, que lhe mostrasse a licença de *chauffeur*. V. R. tinha-a deixado em Lisboa. O rapaz, de olhos redondos, convidou-nos então, muito delicadamente, — diga-se a verdade — a ir ao Commissariado. Rogámos-lhe que nos deixasse jantar primeiramente. Não acedeu. O sr. Commissario não podia esperar. Lá fomos, de fatos de ganga azul, suados, cobertos de pó. Todavia o sr. Commissario não chegára ainda. Tinhamos que esperar... em jejum. O rapaz de olhos redondos, condoído da nossa sorte, enviou policiaes á procura do sr. Commissario. Ninguém sabia onde éle parava. Um policia alvitrava que "talvez estivesse em casa do sr. Oliveira, á Rua Nova". Mandou-se logo um emissario, que voltou, passados instantes, descorçoado: "S. Ex.ª não estava em casa do sr. Oliveira". A fome apertava. O rapaz de olhos redondos olhava-nos com simpatia, arrependido, talvez, de, por um *trop de zèle*, nos ter arrastado até aquele cazarão inhospito, quando poderíamos, áquella hora, estar já recolhidos nos confortaveis quartos do Hotel, sonhando com a arquitetura do Palacio de Matheus e com as ruínas

de Panoias e com outros interessantes atrativos, com que Vila Real seduz e captiva os forasteiros. Os minutos decorriam lentamente. O rapaz de olhos redondos estava passado. N'isto os policiaes perfilaram-se. Era o sr. Commissario que chegava. Vinha de rosto carregado e, pareceu-nos, com cara de poucos amigos. Levantamo-nos á sua passagem. Do seu gabinete, chamou-nos com voz forte. A's primeiras palavras reconhecemos que estavamos



Uma paisagem Duriense

lidando com uma pessoa atenciosa e amavel. Ouviu delicadamente as nossas explicações, deu-nos uns conselhos amigaveis e mandou-nos em paz. Estava findo o incidente.

Regressámos ao Hotel. As bagagens estavam ainda no autonovel. O porteiro nem sequer lhes tinha tocado, prudentemente, imaginando que a gente passaria a noite na esquadra. Demos-lhe ordens para nos descer a bagagem. Era perfeitamente inútil, não havia quartos no Hotel. Como assim? Não! Efectivamente não havia quartos no hotel. Não só n'aquelle hotel, mas em qualquer outro de Vila Real não havia quartos disponiveis. Mas como é que haviamos de passar a noite? O porteiro não sabia. Aconselhou-nos, contudo, a que falassemos com o hoteleiro, seu patrão... Assim fizemos, com o coração a palpitar. A nossa sorte dependia d'aquelle homem.

Expuzemos-lhe a situação. Aquilo não podia ser. Ele não podia deixar expostos ao relento e á cacimba da noite, trez portuguezes, trez compatriotas.

Apelámos para tudo.

Falámos-lhes na mulher, falámos-lhe nos filhos. E o homem por fim condoeu-se e prometeu-nos pousada. Mandaria armar umas camas no chão, lá em cima, na casa de passagem para os quartos do ultimo andar.

Era pouco, sem duvida, mas enfim, sempre era a cama garantida. Certos de que podiamos contar com um teto, tratámos de jantar, ou antes, de ceiar, visto o adeantado da hora. A sala das refeições fica no rez-do-chão do hotel. Aquella hora estava deserta. Reclamámos qualquer cousa para comer. Com muitos maus modos, uma mulhersinha, de meia idade, d'estas que á primeira vista se nota que tem cabelinho nas ventas, começou a servir-nos. Semelhante refeição, áquella hora da noite, devia ser cousa excepcional na casa, pois que a boa da mulhersinha estava fula. Tudo que nos apresentaram para comer devoravamos, calados, com receio de a exasperar mais ainda.

Uma vez *jantados*, percorremos as dependencias do hotel. N'uma pequena casa contigua á sala de jantar jogavase... a roleta e o monte. A roleta tinha poucos adeptos — em compensação, em torno da meza do *monte*, agrupavam-se muitos pontos.

Um homem dos seus cincoenta anos, tipo de antigo padre, conjectionado e rubicundo, talhava com mestria. Diante d'ele sentava-se um pagador esverdeado e triste, que ia marcando as paradas conforme as instruções dos "pontos".

N'aquella pequena sala, onde mal se respirava, todas as noites se davam *rendez-vous* pessoas gradas da terra, officiaes, funcionarios, professores, commerciantes, gente que no dia seguinte tinha as suas occupações, tinha os seus deveres a desempenhar.

O vicio funesto do jogo atraia ali,

detendo-os até de madrugada, indivíduos preciso á terra para prosperar e para se engrandecer. Que trabalho útil se poderá esperar dos que assim vão passando as noites, perdendo estupidamente haveres e arruinando a saúde?

Desgraçado Paiz! E' assim que se pensa conseguir o Portugal melhor, com que o sr. dr. Fernando Emidio da Silva, "sonha" ás quintas-feiras, nas colunas do "Diario de Noticias"! Desgraçado Paiz, repetimos, que de norte a sul se tem deixado prender nas malhas da mais desenfreada e infame tavolagem. Até a pacifica, a ordeira, a trabalhadora Vila Real, essa encantadora vila do norte, tão casta e tão pura, possui casas de batota! Disseram-me que, além d'aquela, ha, na terra mais quatro! Cinco batotas em Vila Real? Como é possível um paiz prosperar, viver, se em todas as suas cidades, vilas e aldeias, a tavolagem vaee minando e corroendo o melhor das suas energias e da sua força? Para esta

Passámos uma noite horrivel. O nosso dormitório improvisado dava acesso a quatro quartos. Dois deles, quando nos deitámos, já estavam ocupados. Os hospedes dos outros dois entraram durante a noite, tropeçando nas nossas camas. Vimo-nos em serios riscos de ser atropelados. Não contentes com o barulho que fizeram, ainda se puzeram a conversar alto, sem respeito pelas pessoas que já estavam deitadas. Vinham queixando-se da sua má fortuna. Inconvenientes das batotas nos hoteis...

Manhã cedo começou o movimento do hotel. Havia gente que sahia e entrava nos quartos, saltando uns por cima de nós, tropeçando outros nas nossas camas. Um homem qualquer, sem a mais pequena noção do respeito devido aos seus semelhantes que estavam a descansar, reclamava o «Gomes» um amigo, que dormia em um dos quartos.

Esse «Gomes», porém, rressonara toda a noite estrepitosamente; mas ao fim de muito chamado, grunhiu, lá de dentro, que só estava pronto ás nove horas. Olhei para o relógio: eram sete. D'ahi a pouco o madrugador voltou novamente a chamar o «Gomes». Reconhecendo a impossibilidade do mais ligeiro repouso, decidimo-nos a abandonar as camas.

Então, á luz clara do dia, pudemos apreciar bém o local onde passamos umas horas da noite. Por toda a parte havia vestígios de ter dormido gente; em quartos, em desvãos, em esconços inverosímeis, em nichos acanhadíssimos, em insignificantes cubículos, dormiram, n'aquela esplendido hotel de Vila Real, creaturas humanas. Abençoado hoteleiro que assim vaee cumprindo os sacramentos da Santa Madre Igreja, dando pouzada aos peregrinos que por ali passam.

Démos uma volta rápida pela Vila. Vimos a casa de Diogo Cão, a velha casa do Marquez de Vila Real, parte d'ela hoje transformada em Club; o Calvario; o Passeio Publico. Fomos até o Cemitério, d'onde se divisa um surpreendente panorama.

De fugida visitamos a celebre Casa

de Matheus, a seis quilometros da Vila; sem tempo já para, mesmo de relance vèrmos as ruínas romanas de Panoias, seguimos para a Regua. A região é d'uma rara beleza. Com o pé no acelerador e com uma carboração optima, em breve Vila Real nos ficava bastante distanciada. Dando um balanço ao que viramos e ao que presentiramos, iamnos pensando em que valia bem a pena construir n'aquella terra, que é importantíssima, um hotel decente, com belos quartos, boas camas, instalações sanitarias em condições, emfim uma casa confortavel e atraente. Ouvi dizer que o proprietario da colmeia onde eu e as "abelhas" minhas companheiras passamos a noite, ia ampliar as instalações. Melhoramentos delineados por certa ordem de benemeritos, fazem calafrios...

JOÃO VILAVERDE.

FÁCILIDADES...

As novas taxas postaes

O serviço postal, em o nosso paiz, está tomando fóros da mais perfeita negação. Quasi quotidianamente as taxas são arbitrariamente augmentadas, e não obstante esse grave prejuizo geral, o serviço dos correios vem sendo, cada vez, mais imperfeito.

Ainda, ha bem pouco tempo, se notava, com satisfação, que o nosso serviço postal ia ganhando a justa classificação de ser dos mais perfeitos da Europa. Deitava-se uma carta no correio, e decorrido o tempo estritamente in-



Outro aspecto da região

doença não olham os curandeiros patriotas, nem os arrematantes de revoluções... E, todavia, ela é a que mais profundamente está atingindo a sociedade portuguesa, preparando e cavando a sua ruína.

Eram horas de recolher. A creada de cabelinho na venta, veio-nos anunciar que estavam preparadas as camas e guiou-nos atravez um dedalo de corredores e de quartos até o ultimo andar. Deu-nos umas boas noites muito secas e deixou-nos. Trez camas, dispostas no chão, aguardavam os nossos alquebrados corpos. Apalpamol-as com desconfiança...; eram suporta-veis. Um detalhe importante e que cumpre não omitir: os lençoes estavam immaculadamente limpos e res- cendiam ao belo aroma das arcas. Para gente extenuada, aqueles leitos, sobre o soalho sujo, eram uma verdadeira *trouvaille*. No entanto o meu amigo V. R., com medo das baratas, resolveu dormir vestido... como se as baratas assim não o pudessem acometer...



VILA REAL - Solar de Matheus

dispensavel para as formalidades racionais, essa missiva estava em poder do destinatario. E isso tão perfeitamente se fazia, que nos assegurava a con-

fiança d'essa forma de correspondencia.

Hoje, independentemente dos casos de força maior, ha uma constante demora só attribuida á desorganização de serviço, que é absoluta. Com os telegramas acontece ainda pior, porque não raras as vezes gastam o tempo das cartas, quando não acontece chegarem estas primeiro.

E' insuficiencia de pessoal? E' desleixo no serviço? Os deuses que respondam.

O certo é que, como o serviço é feito presentemente, não pôde continuar. Trata-se d'um serviço publico primordial, cujas funções devem merecer o cuidado e confiança que agora deixam muito a desejar.

Alguem, ha tempos, nos afirmou ser tudo isto defeito do numero demasiado de mulheres, que foram empregadas na direção dos serviços das estações postaes. E' possível que essa seja uma das razões que está enfermado esses serviços. Basta vêr, poralguns instantes, a forma como elas desempenham essas funções para logo nos convenceremos de que com semelhantes agentes em serviço que requer especiais requisitos, não é possível uma regularidade incontestavel. Acresce ainda as suas condições phisicas que não facilitam a tarefa, de resto entremeadada sempre com amena palestra. O caso é que o serviço postal chegou ao cumulo da imperfeição. N'um parenthesis, devemos dizer que em Portugal, tem-se — é certo — abusado muito do emprego de mulheres em determinados serviços, sem todavia se levar em conta que elas não teem, entre nós, a educação precisa para certos mistéres que, lá fora, onde desde ha muito ocupam logares de muito especial condição, se lhes tornam faceis pelo cuidado que lhes dispensam. Mas isso, não é para todas.

Tambem, ainda não ha muito tempo, era costume cada novo ministro que assumia a gerencia da pasta administradora dos serviços dos correios, trazer no seu programa uma redução nas taxas postaes de maneira a desenvolver as relações commerciaes. Assim, as cartas para o estrangeiro desceram de 130 a 80 reis. Porém, o ministro que se seguiu ao que decretou essa redução de taxa, fez baixar ainda a 50 reis. Outro governo veio que, aprovando o estabelecido n'um congresso internacional, elevou o peso das cartas de 15 a 20 gramas. Novos ministros se seguiram os quaes na mesma ordem d'idéas, fizeram baixar de 10 a 5 reis os portes dos jornaes para o Brazil, e as encomendas postaes de 200 a 100 reis. Ultimamente, sob um pretexto de *cam-bios*, elevou-se em 50 por cento os portes para o estrangeiro, e depois, a

titulo de compensação para os aumentos dos ordenados que foram concedidos, agravou-se com 40 por cento os portes das cartas e com 100 por cento o dos postaes. E como ainda não fosse sufficiente esse novo gravame imposto ao publico, creou-se um outro sobre o porte das cartas, para arredondar a conta dos 35, e mais de 10 nos postaes ilustrados.

Este ultimo aumento tem tanto de divertido como de insensato. Divertido, porque só lembraria ao diabo aumentar o preço n'uma coisa que é perfeitamente dispensavel, e que toda a gente passará a não usar; insensato porque, além de atrofiar uma industria prospera — a dos cartões-postaes ilustrados, e de grande utilidade para a divulgação da beleza das nossas paiza-

gens e monumentos, dando consequentemente um grande impulso ao turismo, vae recahir em desproveito do proprio correo, pois toda a gente passará a usar dos seus postaes, que custam caro á Administração, em vez de lhe comprar simplesmente os selos.

Fazemos ponto aqui ás nossas considerações, aliás muito superficiaes. Deixamos porem o caso á apreciação da Sociedade Propaganda de Portugal e á Repartição de Turismo, confiados em que o alto criterio que tem sempre presidido á orientação d'essas duas respeitaveis entidades, hade mais uma vez ponderar as medidas que se tornam inadiviaveis, para se por termo a um tão grande... labirinto postal.

F. VILLAS

ARCHEOLOGIA PORTUGUESA

Quem foi o architecto da Batalha?

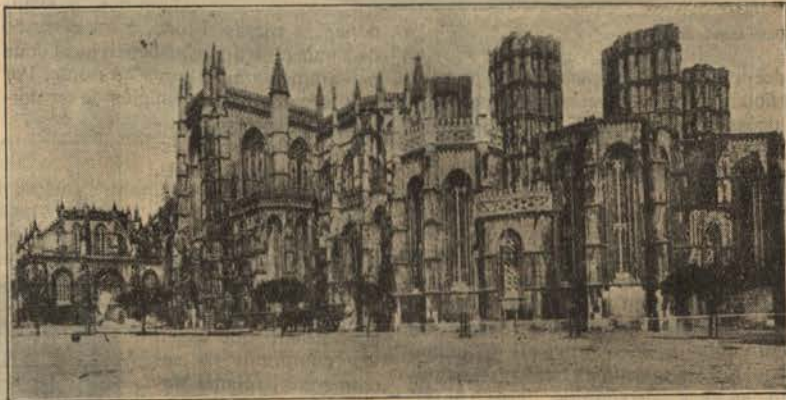
(Continuado do n.º 74)

WALTER Crum Watson no seu livro «Portuguese Architecture» (1908), escreve, em resumo, o seguinte:

O plano da Batalha, se exceptuarmos a Capella do Fundador e as Capellas Imperfeitas, não apresenta difficuldades, visto como seja, apenas, a repetição de uma planta muito conhe-

compara-o ao da nave e transepto da cathedral de Canterbury, — o que é insustentavel, visto que Chillenden, a quem se deve a transformação da nave de Lanfranc, iniciou o seu priorado depois de 1390, isto é, tres annos após o começo da construção da Batalha.

Mas, se é facil demonstrar que o



Vista geral

cida já no país: — nave com dois collateraes, transepto indiviso e capellas absidaes. Sómente a nave, dividida em oito tramos, é mais extensa do que as precedentes.

O primeiro architecto, Affonso Domingues, neto, porventura, de Domingos Domingues, que construiu o claustro de Alcobaça, nasceu (diz-se) em Lisboa. Assim, como era de esperar, o seu plano nenhuma influencia estranha denuncia. Um escriptor alemão

plano não é inglês, mas inteiramente nacional, o mesmo não succede com respeito á construção propriamente dita. Affonso Domingues, que, em 1402, havia já morrido, foi substituido por um artista cujo nome apparece escripto de diversas formas — Ouguet, Huguet, Huet — e ao qual deve attribuir-se a maior parte do edificio, exceptuando o plano. O nome dêsse artista parece

francês; mas o edificio afóra alguns detalhes, nada tem de francês.

Não é facil determinar a origem de algumas particularidades que tornam a Batalha um monumento estranho, invulgar. O que póde afirmar-se é que não há, no país, precedentes que expliquem, á parte certos detalhes, a sciencia de construir que as elevadas abobadas das naves e a abobada da Casa do Capitulo revelam.

A estas considerações preliminares, segue-se uma descripção minuciosa do interior e exterior do edificio.

detalhes a que é difficil recusar origem inglesa; mas nenhum d'elles tem grande importancia: — os nervos da abobada da nave; o artesanado da abobada da capella-mór; a fórma geral dos pinaculos; as archivoltas da Casa do Capitulo; as folhas dos capiteis da Capella do Fundador; certas particularidades dos botareus; alguns elementos de parte das janellas, etc.

7.º O aspecto geral da igreja é, sem dúvida, mais inglês do que outra coisa; mas isso é devido, principalmente, á existencia de coberturas planas (parti-

Affonso Domingues; e todas as particularidades que assignalam o monumento, — as estranhas janellas, os arcos lobados, os pinaculos de aspecto inglês, — do mesmo modo que a sciencia de construir que n'elle se revela, são devidos a Huguet, seu successor, o qual teria, porventura, viajado em França e na Inglaterra e voltado a Portugal com conhecimentos bastante completos da arte de construir, mas com uma noção um tanto confusa dos detalhes ornamentaes observados lá fóra.

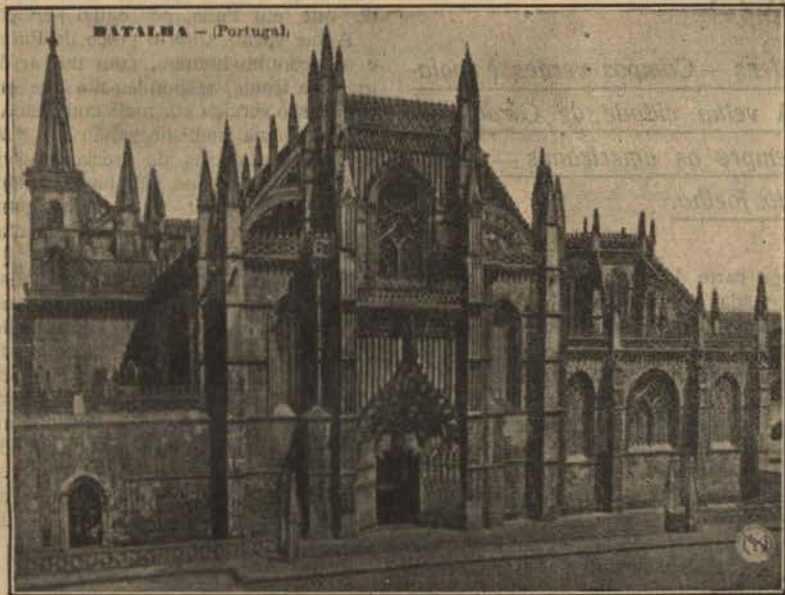
Wattson refere-se ainda ás Capellas Imperfeitas, na parte anterior á intervenção manuelina, attribuindo tambem a Huguet o projecto d'esse pantheon, no qual manifestou, no sentir do escriptor inglês, toda a originalidade e toda a audacia do seu talento de constructor.

Bertaux entende que a igreja da Batalha, construida segundo um plano muito vulgar em Portugal, é, quanto ao detalhe, mais de metade, inglesa.

Finalmente, Dieulafoy pensa que, pelo conjunto dos seus caracteres, o monumento da Batalha pertence ao grupo gothico francês do fim do sec. XIII e do começo do sec. XIV, que compreende as cathedraes de Amiens, Reims, Santo Urbano de Troyes, e designadamente, a igreja reproduzida no *paramento de Narbonne*, do museu do Louvre. Alguns detalhes de secundaria importancia approximam-na da architectura inglesa. Por outro lado, o plano da igreja propriamente dita tem intima analogia com o plano cisterciense, primitivo, da Sé de Evora. Mas o que distingue a Batalha da maior parte dos edificios anteriores é o traçado geral, em fórma de chave, a disposição das capellas anexas e a substituição das coberturas inclinadas por terraços. O monumento foi, por muito tempo, considerado obra de um architecto inglês, Hacket. Ora, é evidente que um constructor do norte jámais recorreria a coberturas em fórma de terraço e a cupulas estrelladas, sobre pendentes, de puro estylo oriental. Por outra parte, no começo do seculo XV, teria multiplicado as divisões e subdivisões das abobadas.

Na verdade, o primeiro architecto da Batalha foi um português, Affonso Domingues, e o segundo, mestre Huguet, era francês, a julgar pelo nome, claramente escripto em documentos do Arquivo Nacional. Este nome de *Huguet* foi, pela primeira vez, transformado no de *Aquete*, por Soares da Silva, nas suas *Memorias de D. João 1.º*.

Depois, Murphy julgou ver em *Aquete* um nome inglês, mal transcripto, e adoptou a graphia *Hacket*. Tal é a origem de um mal-entendido, tanto mais persistente quanto é certo que lhe dava fóros de realidade a circuns-



Por ulimo, o auctor conclue:

Fachada principal

1.º A planta da Batalha é apenas a ampliação da de muitas igrejas já existentes no país;

2.º A porta do extremo sul do transepto, de feição archaica e revelando apenas na archivolta interna (que apresenta um cruzamento interessante de arcos trilobados) a epoca a que, de facto, pertence, é reproducção da porta occidental da igreja de S' Francisco de Santarem;

3.º Os pesados arcos transversaes da abobada, e a fórma curiosa como as ogivas estão entregues a si proprias, võem-se igualmente em Alcobaca;

4.º As coberturas planas das naves, em fórma de terraço, existiam já em Evora e em muitos outros pontos do país;

5.º O projecto geral da porta do occidente póde ter vindo de França, do mesmo modo que a grande altura da nave, embora as proporções entre os arcos que dividem as naves e o clestorio e a ausencia de triforio não tenham nada de francês;

6.º Notam-se no edificio numerosos

cularidade completamente portuguesa) e de pinaculos;

8.º A espiral rendilhada que constitue a torre do relógio (se é copia fiel d'aquella que o terremoto de 1755 destruiu), do mesmo modo que a pyramide que rematava a Capella do Fundador, se assemelhante áquella, revelam influencia allemã, devendo, contudo, notar-se que os exemplos hispanhoes congeneres, como os da cathedral de Burgos, não são anteriores a 1442, data em que o monumento português devia estar concluido, ou quasi concluido.

Não é, pois, difficil, conclue, em summa, o escriptor inglês, attribuir um grande numero de detalhes, com uma certa probabilidade, a influencias estranhas, comquanto a igreja não possa comparar-se a qualquer outro edificio, nem mesmo da Hispanha. E', porém, difficil, ou mesmo impossivel, descobrir a origem das particularidades que tornam a Batalha um monumento tão singular. Provavelmente, a planta da igreja, a capella de leste e a parte inferior do transepto são obra de

tância de serem então estreitas as relações entre Portugal e a Inglaterra. D. Filipa de Lencastre, a rainha, era neta do rei inglês Eduardo III.

Abandonada essa hypotese, surgiu a que dava a Batalha como copia da cathedral de Burgos. Ora, não sómente as absides se oppõem a qualquer aproximação entre as duas igrejas, como a Capella do Condestavel, que se tem pretendido comparar ás Capellas Im-

perfeitas, é inabilmente enxertada no deambulatorio e foi projectada em 1487, quando o envasamento das Capellas Imperfeitas estava construido havia mais de quarenta annos.

D. JOSÉ PESSANHA.

No artigo anterior, leia-se :

Pag. 14, lin. 38, em vez de «no sr. J. V.» «o sr. J. V.»

Pag. 35, lin. 38, em vez de «lanhultens» «banhultens»

CARTAS DE PARIS

De Paris a Bordeus — Campos verdes e palácios feudaes — A velha cidade de Gironde — As estatuas — Sempre os americanos — Madamas de saias pelo Joelho.

Os americanos estão a debandar. Hoje já se encontra facilmente, um lugar nos comboios rapidos e já, sem grandes canceiras, se obtém um quarto n'um hotel.

Tive mesmo, ha dias, a impressão de que tudo isto caminha para a normalidade, pois o comboio de Bordeus, da manhã, ainda, á última hora, tinha lugares para os retardatarios. Lá tinha um lugar marcado, mas como ele fosse n'uma carruagem cheia de velhice, preferi procurar campo n'uma outra em melhor situação de conforto. Assim, a breve trecho estava regaladamente instalado, bemdizendo a debandada americana que está já proporcionando entre outras vantagens e comodidades, a de se obterem os lugares nos comboios, onde, agora, os que viajam mais para tratar da sua vida do que para mostrar, como os yankees, a envergadura das suas fardas marciaes, tem quasi sempre facilidade de se fazer transportar.

Dois palavras apenas sobre a paisagem da Touraine, que o comboio atravessa, com a lentidão compassada de quem visita uma exposição.

Deixado Orléans, entramos nos campos enfolhados de Tours e Angoulême, que na quadra que atravessamos tem ainda qualquer coisa de atrahente e de místico. O chão é raso, cultivado de trigo, em fartas leiras, que as primeiras brisas começam a ondear. As vinhas aparecem tambem a medo, como que contrafeitas em terreno alheio e mais fecundo do que o que as suas raizes aspiram.

Os «chateaux» encem, com os seus parques de altas romarias, uma

boa parte da Touraine; e por entre a camada espessa da folhagem, só nos é dado vêr a nesga d'uma janela, ou um telhado á guisa de funil, para a defesa das neves inclementes de febreiro.

Porem, da visão exterior d'essas construções, facil é advinhar o resto. Salas feudais, retratos de avoengos, antigos senhores, de rendas nas mangas da casaca bordada; altas chaminés apagadas do fogo e do brilho que ao redor espalhavam as castelãs, entre o tanger lento do cravo, nas doces phantasias de Mozart; criados borracheirões, de meia branca, ventre bojudu; damas dos tempos feudaes dos bailes de Maria Antonieta; e vinhos de Borgonha, esquecidos nas taças, pelos galanteios dos moços fidalgos. Todo esse conjunto perpassa pela vista ao contemplar-se essas solarengas habitações.

Quando se passa n'esta época em Angoulême, de dentro dos arroios de dolente murmuro, que caminham de vagar, salta por vezes como que em saudação o canto estridente da cigarra, que os primeiros calores de junho começam a afinar. Ahi, n'essa extensa campina, a folhagem, mais macissa, mais recatada e d'um tom mais atrahente envolve não só os castelos, mas as cidades e vilas da velha Touraine, como que evitando o seu ar vetusto de ser incomodado pelas lufadas do progresso.

Fronssac, feudal, tambem, aninha-se meio encadeada n'um outeiro, para não desabar sobre o rio que a torneja. Mais ao lado Libourne, encontra-se escondida, tambem, lembrando uma donzela a espreitar um cavalheiro andante...

Ao cair da tarde cheguei a Bordeus, onde devia demorar-me uma vintena. N'essa movimentada cidade dissipouse-me, entre as suas ruas mal talhadas e escuras, toda a agradável impressão que a viagem me havia feito. Ao sahir da estação, tomei uma carruagem de praça, miserriima, que parecia desconjuntar-se a cada solavanco, puxada apenas por um cavallo mais pequeno do que o rubicundo-cocheiro que o guiava. Este illustre servidor teve a coragem de me pedir, por uma pequena corrida, 8 francos, ou simplesmente quatro vezes mais do que em Paris, por igual serviço.

Achei carito. Citei o preço de Paris, e o medonho homem, com um ar de graciosa ironia, respondeu-me que em Bordeus o serviço era mais completo...

Não havia remedio senão me *ral-lier* ás exigencias do preclaro servidor, tanto mais que não havia, então, no local, qualquer outra carruagem. Por isso submeti-me á vontade d'aquelle... miseravel.

A carruagem seguiu lentamente, mas o seu rodado de ferro sobre as ruas mal empedradas, atroava quezilentemente o ar. Isso me causou ainda peor impressão da velha capital da Gironde, e só meia hora passada n'este tormentoso meio de locomoção, conseguí penetrar no desejado hotel, onde um banho, docemente tépido, me fez esquecer a fadiga de 10 horas de viagem e a figura exotica e hedionda do medonho cocheiro.

Bordeus, dizem os guias sempre lisongeiros e complacentes, é uma cidade cheia de progresso e de commercio, e eu nem uma nem outra coisa encontrei.

O progresso poderá avaliar-se apenas pelo seu magnifico porto, junca-do de grandes navios, entre os quaes — oh! suprema satisfação! — trez portuguezes. De resto, os seus estabelecimentos, largos e praças, permanecem em um perfeito abandono; e se não fossem os americanos — que fizeram aqui a sua principal base naval e que ainda hoje lhe dão vida, a capital da Gironde estava n'uma phase verdadeiramente de decadencia.

Mas Bordeus, dentro das suas muralhas anciãs, tambem alguma coisa tem de interessante e atrahente, como por exemplo o Jardim Publico com magnificas sombras cuja situação é mesmo no centro da cidade; a Praça de Quinconces, das mais vastas da Europa, com o seu celebre monumento dos não menos celebres girondinos; a sua Igreja de S. Miguel, de renome em toda a Europa, e sobretudo muitas estatuas. Uma d'estas é de Gambeta em atitude desafiadora, tendo

aos pés, esculpido em marmore, o seu incomparavel casação. Está de braços crusados e o queixo erguido. Outra é a de Turny, de farta cabeleira e manto mosqueiteiro. Ainda notei a de Bon Bonheur, respirando as flores do Jardim publico. Muitas outras ha, mas de menos importancia historica.

A cidade possui uma fachada monumental, sobre a grandiosa praça de Turny, o que lhe dá uma certa grandiosidade.

A policia nas ruas é, na sua maior parte, feita por soldados e marinhei-

ros americanos, o que não impede que os seus colegas andem a toda a hora com a sua «mademoiselle» pendurada no braço. Aqui, como em Paris, a vaporosidade feminina fez elevar as saias até o joelho, o que lhes dá o aspecto d'umas perfeitas cegonhas.

...Salvo excepções, bem entendido. Porem, aqui, quem não se escravisa ás exigencias da moda, não liga importancia ao caso. *Chaqu'un d son toier.*

Havia de ser em Lisboa...

GUERRA MAIO

FEIRA DE BORDEUS

O PAVILHÃO DE PORTUGAL

A feliz idéa de se organizar um pavilhão portuguez na feira de Bordeus, foi coroada de um perfeito e animador exito. Os «Bureaux de Renseignements» da Sociedade Propaganda de Portugal, de Bordeus e de Paris, aproveitando esse grandioso mercado mundial para uma condigna representação do seu paiz, viram na sua obra um proveitoso e glorificador resultado.

A «Feira de Bordeus», se não tem ainda a importancia da de Lyon, representa todavia um apreciavel incantamento tanto comercial como industrial pois de ano para ano vê crescer a sua concorrência não só em expositores, como em compradores. Este ano foi alargada a area que ela occupava anteriormente e, assim, alastrou-se por toda a vasta praça de Quinconces, uma das maiores da Europa. A parte os pequenos pavilhões, levantavam-se do centro as quatro grandes galerias, denominadas de *Foch*, de *Clemenceau*, da *Victória* e dos *Aliados*, ficando situado a uma das extremidades d'este, o *Pavilhão de Portugal*, onde os varios artigos da nossa industria se encontravam com delicado apreço para o nosso paiz.

Muitas foram as casas representadas; muitos foram, tambem, os artigos expostos, tendo alguns objectos provocado grande admiração pela sua originalidade. D'elles citaremos, em especial, as louças de barro e os marmores de Extremoz, estes de uma flagrantemente beleza; os chocolates da Sociedade Industrial de Chocolates, d'uma perfeição e apresentação egualavel aos melhores da Europa. O calçado nacional, perfeito e bem acabado, tem egualmente sido motivo de admiração e alvo das mais lisongeiras apreciações,

que muito honram a nossa industria. As conservas de peixe, enchiam meio «stand», havendo-as de todas as qualidades, de todas as fôrmas e feitios. A sua venda foi enorme. Os artigos de algodão, em toalhas, meias, riscados e flanelas foram tambem apreciados pelo seu perfeito fabrico. As nossas aguas mineraes, tambem largamente representadas, os palitos de Lorrão, os azeites finos, as conservas d'Elvas, da mesma forma pela sua bela apresentação, foram magnificamente recebidas.

Das casas expositoras, poderemos citar, entre outras, a Sociedade de Chocolates, Mario de Lima Netto, J. Silva, Marques da Silva L.^{ca}, Fernandes Falcão & Lemos, Fabrica do Pilar, J. Cordeiro Junior, José da Conceição Guerra & Irmão, Pompeu Reis, Cirdley & C.^a, J. Guedes, J. Carvalho Borges, A. Carvalho, Aguas das Caldas Santas, de Salus, das Lombadas, Fabrica Previdente e muitas outras de reconhecido credito.

A Propaganda de Portugal, alem do seu *Bureau*, onde se davam informações sobre o nosso Paiz, fez afixar pelas paredes, grande numero de cartazes, photographias com vistas de Portugal, pequenos réclames etc.

De tudo isto, porém, o que mais impressionou a assistencia, foram as meninas Nnette Raux e Olga da Silva, vestidas á moda do Minho, que no pavilhão distribuam réclames illustrados de Portugal.

No ultimo domingo, sahiram a passear pela cidade, n'um trem aberto, que levava ás trazeiras uma sanefa onde se lia:

Pavillon du Portugal, Foire de Bordeaux; tendo sido a sua passagem comentada com as mais lisongeiras palavras de apreço e sympathia.

Ao atravessarem a vasta praça de Turny, muitas pessoas que enchiam os terraços dos cafés, ergueram-se para as vêr passar, ouvindo-se de toda a parte:

Voilà les petites portugaises!...

E' justo citar aqui o pessoal da importante casa Lima Netto, desta cidade, cujo chefe sr. Mario Lima Netto, é presidente do «Bureau de Renseignements» da Sociedade Propaganda de Portugal, em Bordeus, pela sua dedicação em organizar a nossa representação na feira, e muito especialmente Mr. Raux, um grande amigo de Portugal, que muito contribuiu para o seu bom exito pois de contrario a exposição portugueza não teria tido o brilho e a importancia que a revestiram, o que nos é muito agradavel registrar.

Os proveitosos resultados que o nosso paiz certamente auferirá da bela idéa posta em pratica pela Sociedade de Propaganda e que foi muito bem recebida e secundada pelo commercio e industria de Portugal, servirão sem duvida, de poderoso incentivo para uma mais criteriosa orientação na exportação dos nossos productos e para a defesa das prerogativas que, de direito, nos assistem nos centros consumidores do mundo; ao mesmo tempo que estimulará, sem duvida, a nossa representação se não melhor, pelo menos egual, sempre que no estrangeiro se proporcione o ensejo.

G. M.

EXPEDIENTE

Renovação das assignaturas

Lembramos aos assignantes da «REVISTA DE TURISMO», que quizerem renovar as suas assignaturas o serviço que nos prestariam enviando em vale do correio para a nossa Administração, Largo Bordoal Pinheiro, 28, Lisboa, a importancia correspondente ao novo periodo (semestre \$70 — ano \$140), a fim de não só não sofrerem interrupção na remessa da nossa Revista, como tambem para nos poupar as enormes despesas que hoje acarreta a cobrança pelo correio.

Os assignantes da «REVISTA DE TURISMO», procedendo d'esta forma, praticam um acto de patriotismo, pois mais uma vez beneficiam uma publicação que é unica em Portugal e que é forçoso que não acabe.

DO ESTRANGEIRO

Nova-York-Agosto de 1919.

Pouco lhes tenho escripto e menos tenho falado d'este grandioso paiz, onde tudo é extraordinario para os bons burguezes do mundo, como propriamente nos devemos classificar entre os demais povos de igual tempera.

Não admira que assim tenha sucedido e muito principalmente a quem — como eu — não vim aqui propriamente para fazer reportagem turistica, nem simplesmente para gozar, mas — muito em especial — para *tratar da vida*, como soe dizer-se em gíria comercial. Por isso nem sempre me sobra o tempo, porque o pouco que sobeja das minhas multiplas occupaões, gasto-o em admirar esta Babilonia — sem jardins suspensos, mas com casas aereas — o que dá quasi a mesma impressão; e nos intervalos estudo a psicologia d'este povo, que não deixa de ser verdadeiramente interessante. A occasião não podia ser mais oportuna para isso: O fim da guerra, o armistício, a assinatura da paz, todo este periodo de transição para a normalidade davam ensejo para qualquer psicologo — mesmo *miticiano* — fazer volumosos tratados, encher revistas e revistas, e nunca mais acabaria de descrever as suas impressões e os resultados do seu estudo.

Mas, nem eu sou psicologo, nem pretendo impôr á *Revista de Turismo* a obrigação de me ceder campo para divagações scientificas e pitorescas.

Vou, pois, hoje relatar-lhes um assumpto de capital interesse americano e que por certo ha de, tambem, interessar aos nossos compatriotas.

Refiro-me, portanto, hoje, á cidade do praezer yankee.

Nova York é uma cidade prodigiosa e entre as maravilhas que encerra destacam-se, de um modo muito especial, os seus admiraveis e numerosos hotéis, tal é a perfeição com que estão organizados e a comodidade que oferecem a quem os visita, ou n'elles se hospeda. A sua fama tem-se espalhado pelo mundo inteiro, e não ha paiz algum onde os seus hotéis possam ser considerados verdadeiros modelos como os que existem nos Estados Unidos, e principalmente n'esta cidade que bem podia chamar-se — «cidade imperial». Realmente, devido á sua população e magnificencia, Nova York era digna de ser a capital de um imperio.

Desde o grandioso «Waldorf-Astoria» que tem servido de moradia a principes e potentados da Europa e da Asia, e que é um hotel cuja inauguração foi considerada como uma verdadeira loucura, devido á sua enormidade de tamanho e ao luxo perfeitamente oriental com que foi decorado e mobilado, a capital maritima dos Estados Unidos tem visto surgir um colosso após outro e enormes edificios onde milhares de pessoas encontram acomodação, e que por muitos anos serão os ultimos e tambem os mais perfeitos.

Mas tal é a affluencia de forasteiros n'esta cidade e tão continua e importante é a concorrencia de viajantes que a ella se dirigem, de todas as regiões e paizes, de todos os confins do globo e durante todas as estações do ano, que por mais hotéis que se façam e por maiores que sejam as suas dimensões, a procura de acomodações é sempre superior, faltando diariamente instalação para muitas pessoas que se veem na necessida-

CARTA DA AMERICA

de de se acomodar conforme podem, em hotéis de segunda ordem e casas de hospedagem, quando vinham dispostas a pagar o necessario para viverem n'um d'esses monumentaes palacios.

Podia-se citar mais de uma dezena de grandes hotéis que durante os ultimos quinze anos teem augmentado o importante numero dos que já contava Nova York, nenhum d'elles com menos de 500 quartos e muitos com mais de 1.000. Todavia, isso não tem sido o suficiente. A prova está na inauguração, quasi simultanea, de outros dois hotéis maiores, e, talvez, os maiores do mundo, que ficaram concluidos, um após outro, e que teem 4.200 quartos, quer dizer, podem acomodar toda a população de uma cidade de pequena importancia. O mais extraordinario para quem vive fóra d'este surpreendente movimento, é que ambos esses colossaes edificios já estão cheios, e assim, não teem um quarto disponivel.

Construidos simultaneamente e sob as dificeis restrições impostas pelo grande conflicto, o feliz termo de tão gigantescas obras, com uns dias de intervalo de um ao outro, marca uma nova era nos annos de construção norte-americana.

Os seus constructores tiveram o firme proposito de erigirem n'esta cidade os dois maiores hotéis do mundo, crystalizando n'elles os ideaes dos principaes administradores de hotéis nos Estados Unidos. — John McE. Bowman e E. M. Statler. E' d'este facto que partem as características especiaes e proprias de cada um d'esses soberbos edificios, os quaes fazem uma differença consideravel um do outro. O «Comodoro» que é dirigido pelo primeiro d'esses gerentes de hotéis, é uma obra dos acreditados architectos Warren & Wetmore, de Nova York, aos quaes se deve a magnifica estação dos caminhos de ferro, — New York Central R. R. — e o formoso hotel «Baltimore», ambos os edificios proximos ás novas construções «O Pennsylvania» está a cargo do segundo, tendo sido architettato pelos Srs. McKim, Mead & White, auctores da magestosa estação dos caminhos de ferro — «O Pennsylvania R. R.», em frente ao citado hotel.

O hotel «Pennsylvania», provavelmente é o maior hotel do mundo, pois tem 2.200 quartos de dormir e outros tantos de banho. A sua fachada principal faz frente para a Setima Avenida (7th Avenue), rua entre a mencionada estação dos caminhos de ferro do mesmo nome, — empreza proprietaria do hotel, e tem fachadas lateraes para a rua Trigesima Segunda (32nd Street), e Trigesima Terceira (33rd Street), ficando assim com tres frentes livres. Devido á forma dada ao edificio, tem quatro corpos que constituem um triple «H.». Todos os quartos teem vista para a rua, e, portanto, abundancia de sol, luz e ar. O hotel consta de 27 andares, contados desde o subsolo mais profundo ao seu mais alto terraço. O edificio está edificado de uma tal forma e desviado do alinhamento da rua, que concedeu mais amplitude á Setima Avenida, fazendo que esse sitio seja mais espaço do que a Quinta Avenida, a famosa rua newyorkina, sacrificando um terreno carissimo. Comtudo, foi muito justo pela razão de proporcionar mais espaço em frente do hotel, o que contribue para o seu efeito artistico.

Os primeiros quatro andares do hotel foram construidos de modo que se harmonizassem com o caracter severo e monumen-

tal da grande estação de caminhos de ferro existente no lado opposto. N'elles estão as repartições de registro, os vestibulos e salas de descanso, de recepção, de leitura, com inumeras estantes de livros e para jogos; repartição telefonica; lavatorios, grande salão de jantar, «bars», estação telegrafica, etc.

E' a partir d'esses andares que começa a divisão pelos quartos pateos profundos, a fim de que todas as divisões e especialmente os quartos de dormir recebam luz e sol.

N'estes hotéis ha, entre outras novidades, uma que é interessante e que passo a descrever: As portas dos quartos não servem simplesmente para reservat-os e guardar o seu interior; mas são utilizadas como pequenos guarda-fatos. Assim o hospede, abrindo-o pe o lado de dentro, introduz-lhe o fato e calçado que deseja limpo, fazendo aparecer n'um pequeno mostrador do lado de fora um signal para o creado tratar d'esse arranjo, o que faz sem incomodo nenhum do hospede, visto que pelo lado exterior esse original guarda-roupa tem outra serventia.

Esta foi a inovação que mais interessante achei. Quasi todas as outras são já usadas nos grandes hotéis do mundo, se bem que n'estes estejam mais aperfeiçoadas e de forma a causar o menor abarço ao hospede.

O que se procura aqui é o que é obrigatorio em instalações d'este genero: poupar todo o esforço ao hospede e favorece-lo com o maior conforto e com as mais extraordinarias comodidades.

O hotel «Comodore», contiguo á grande estação dos caminhos de ferro, New York Central R. R., occupa um quarteirão completo, com as fachadas para a rua Quadragesima Segunda (42nd Street), Avenida Lexington (Lexington Avenue), rua Quadragesima Terceira (43rd Street), e «Passage Dewey». Tem 26 andares, com 2.000 quartos; e seis salas de jantar onde se podem acomodar e servir 3.000 pessoas!

O vestibulo principal é uma joia artistica, conjugando-se harmoniosamente com o luxo e riqueza que por toda a parte se nota.

Escusado me parece referir mais detalhes para se avaliar bem o que serão estes dois colossaes monumentos da hotelaria mundial, onde os principes de sangue, da moda e da finança, os reis do petróleo, do aço, da gazolina e varios outros encontram a satisfação completa dos seus mais subitios caprichos.

Estas construções representam bem a grandiosidade d'este paiz em tudo, até nas coisas mais uteis em que a ultima palavra do progresso, nas suas mais extraordinarias applicações, possa fazer-se sentir.

E' bem a America dos Americanos, que, aliás, sentem que o seu paiz, apesar de muito grande, está sendo pequeno para os conter e por isso procuram expandir-se *urbis et orbis*.

Z.

O policiamento do Porto de Lisboa

Embora o nosso presente numero se refira a 5 d'Agosto passado, não podemos deixar de dedicar o artigo de fundo ao estabelecimento da «Policia maritima» que foi decretada pelo Ministerio da Marinha no corrente mez de Setembro.

Como se trata d'uma medida de interesse e de largo alcance, demos-lhe prioridade, sem atender á correlação de datas.